

Brumadinho: uma romaria do luto à luta

Paulo Henrique Laurencio¹

Resumo: Brumadinho é uma comunidade vitimada pelas consequências do modelo neoliberal de produção. Nesse contexto, vidas passam a ser calculadas dentro das margens de lucro, gerando vítimas sacrificadas em nome de uma falsa estabilidade mundial. No entanto, apesar de sua vulnerabilidade, as comunidades de vítimas são capazes de resistência e transformação, passando “do luto de cada um à causa comum”. É dando sequência à causa de seus mortos, numa perspectiva de esperança e memória, que eles permanecem vivos e apontando um futuro melhor. Esta pesquisa, a partir da escuta de vítimas de Brumadinho e de estudos de Carlos Mendoza-Álvarez sobre o tema da *vítima*, pretende evidenciar a sabedoria própria de comunidades vulneradas e reforçar sua luta que pode ser exemplo para tantas outras comunidades. Sendo esse processo de superação possível pela vulnerabilidade compartilhada, pela resistência entretecida e celebração da vida.

Palavras-chave: Vítimas. Luto. Brumadinho. Luta. Carlos Mendoza-Álvarez.

Abstract: Brumadinho is a community victimized by the consequences of the neoliberal model of production. In this context, lives are calculated within profit margins, generating victims sacrificed in the name of a false global stability. However, despite their vulnerability, communities of victims are capable of resistance and transformation, moving “from the mourning of each to the common cause”. It is by continuing the cause of their dead, from a perspective of hope and memory, that they remain alive and point to a better future. This research, based on listening to the victims of Brumadinho and Carlos Mendoza-Álvarez’s studies on the subject of victims, aims to highlight the wisdom of vulnerable communities and reinforce their struggle, which can be an example to so many other communities. This process of overcoming is made possible by shared vulnerability, interwoven resistance and the celebration of life.

Keywords: Victims. Mourning. Brumadinho. Struggle. Carlos Mendoza-Álvarez.

INTRODUÇÃO

Brumadinho, atingida pelo trágico crime no âmbito da mineração, é um exemplo muito próximo de nós de comunidade vulnerada pelo poder hegemônico neoliberal. Trata-se de uma realidade em que certas vidas têm preço e podem ser sacrificadas para se manter a produção. Contra essa força que violenta os mais frágeis, há um impulso de vida e ressurreição experimentado pelas comunidades vitimadas que lhes possibilita viver um processo de restauração não aceitando passar ao perdão sem antes promover a verdade e a justiça.

¹ Paulo Henrique Laurencio fez dois ciclos de iniciação científica na FAJE. Este artigo é resultado do segundo ciclo, entre 2022 e 2023, como bolsista do CNPq e estudante do curso de Teologia. Foi orientando do Professor Dr. Geraldo Luiz De Mori e seu plano de trabalho vinculou-se ao projeto de pesquisa “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Corpo Encarnação. Teologia à escuta de um saber epistêmico interdisciplinar”, de seu orientador. Paulo é formado em Direito, pela Faculdade Dom Hélder, Filosofia, pelo ISTA e graduado em Teologia pela FAJE. Atualmente é professor na E.E. Maria da Piedade Souza Rocha e mestrando em Filosofia também pela FAJE. E-mail do autor: paulolaurencio@yahoo.com.br

Trata-se de um doloroso processo em que a passagem “do luto à luta” vai acontecendo, nem sempre linearmente; e, enquanto esperança e desespero se mesclam, a causa das vítimas se faz caminho de ressurreição. Este artigo deseja analisar essa experiência tão própria de vítimas e evidenciar sua sabedoria.

Nossa pesquisa, que é de caráter bibliográfico, elege como referência teórica principal a obra de Carlos Mendoza-Álvarez, *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Tal opção se dá não só pelo seu conteúdo, que oferece uma análise muito consistente à nossa pesquisa, mas também pelo método: o de escutar primeiro as vítimas. Essa perspectiva também é a de nossa principal fonte de relatos reais das vítimas de Brumadinho, *Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam*, da jornalista Julia Castello Goulart.

Para que a pesquisa atinja seus objetivos, primeiramente são trazidas e entrelaçadas narrativas próprias de vítimas de Brumadinho ou a elas referidas, essas narrativas são fonte de sabedoria para se compreender, ainda que parcialmente, o que vivenciam. No segundo momento, deseja-se reler teologicamente tal experiência evidenciando o caminho feito por vítimas, com elementos também de outras realidades da América. E, por fim, essa reflexão aprofundada com um acentuado olhar de futuro, inclusive na im-possibilidade de restauração e perdão.

1 HISTÓRIAS QUE PERSISTEM

“Atrever-nos a pronunciar os nomes das vítimas, contar as suas histórias, exigir justiça e vislumbrar o perdão até chegar ao extremo de implorar a misericórdia do alto, são modos de rememorar a sua efêmera passagem por esta terra.”
(MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 14)

Antes de se oferecer qualquer reflexão sobre o percurso das vítimas nesse mundo, é preciso deixar que elas mesmas se manifestem, oferecendo nossa escuta atenta; “as histórias contadas pelas vítimas conduzem o texto, e não o contrário” (ARBEX JÚNIOR, *apud* GOULART, 2020, p. 12). Além do respeito à história de cada uma, há o reconhecimento de que nelas há uma sabedoria, humana e teologal. Para nossa reflexão, na linha do que afirma Jon Sobrino, “as vítimas, trazem à teologia algo mais importante que conteúdos: trazem luz para que os conteúdos possam ser vistos adequadamente” (2000, p.18).

Por isso, mesmo sabendo que é impossível compreender e principalmente reproduzir o que de fato se passou no coração e na comunidade de cada sobrevivente, propomos inicialmente um percurso com elas. Mais que informativo ou cronológico, trata-se de criar condições para que aqueles que não têm condição de viver a realidade das vítimas possam participar dela, inicialmente, ouvindo o que elas dizem (pois a empatia conduz ao compromisso que nasce do testemunho). Mais que quantidade de relatos, trata-se da profundidade que cada palavra balbuciada pelos sobreviventes nos revela.

A história da comunidade de Brumadinho, diante do que se passou no dia 25 de janeiro de 2019, começa antes desse trágico e criminoso dia. Começa com a história de muitas pessoas que, dada a situação social e econômica, encontram na mineração uma perspectiva de futuro, um futuro que, depois de alguns anos, chega em forma de buracos e barragens. Mas as necessidades mais urgentes nos fazem resignar, afinal

a Vale é uma empresa necessária para Minas Gerais. Minas Gerais precisa de mineração [...]. Como é que você tira uma empresa que dá milhares de empregos? Em si, a Vale não tem culpa, não. O ganancioso, o diretor, os gerentes, os fiscais, para aqueles ali é que precisa tomar atitude e ser punidos (GOULART, 2020, p. 58).

O relato de uma vítima, ao falar de seu esposo e irmão, expressa a realidade de muitas das vítimas que trabalhavam na empresa e aprofunda a questão: “Os meninos aguentavam muito, sim. Era o ganha-pão da família e tudo, davam o sangue deles lá porque era o ganha-pão das famílias. Só que a empresa não dava o sangue por eles. Eles (empresa) tiraram o sangue deles” (GOULART, 2020, p.28).

Aqui, no início, já podemos perceber como que, aos poucos, a comunidade vai se compreendendo e compreendendo os fatos. Precisam reler a própria história e, na partilha e mesmo no conflito de versões, vão aprendendo a se reconhecer e perceber o que se passou com seus entes e o que se passa com elas que ainda resistem, fazendo memória. Quase todas, quando começam a contar o que aconteceu no dia 25, geralmente sabem ao certo onde estavam e o que faziam quando chegaram as primeiras notícias. E a atitude, quase sempre a mesma:

Mal desligou o telefone com a amiga e entrou em pânico. Começou a chorar, não sabia o que fazer. Ligou várias vezes no celular de André, mandou mensagens de áudio pedindo para ele retornar e nada. Pensou nos irmãos, Luciano e Cristiano que também trabalhavam lá (GOULART, 2020, p. 31).

A procura, inicialmente por meio de ligações telefônicas tentadas, estava apenas começando. Nas primeiras horas, e dias, havia sempre muita esperança apesar do desespero: “Ele é esperto! Desde pequeno vocês todos brincavam no mato! Ele vai ter fugido antes...” (GOULART, 2020, p. 24). Mas, à medida que as horas passavam, ia ficando mais crítica a situação. As notícias de resgates com vida iam se fazendo menores. “Quatro dias depois, no dia 29 de janeiro, Ana Paula recebeu a ligação. A que ela estava ansiosa para receber, mas ao mesmo tempo a que mais temia. Havia identificado André. Ele foi o primeiro corpo da família a ser encontrado” (GOULART, 2020, p. 33).

Os dias imediatos ao trágico incidente criaram uma atmosfera mortuária, de dor e medo. A sirene, que não tocara no dia da tragédia, às vezes disparava posteriormente.

No domingo, dia 27 de janeiro, a cidade entrava em caos novamente.

Uma sirene havia tocado e a vida, que de certa forma se seguia, era interrompida pelo fechamento de ruas e da ponte (GOULART, 2020, p. 43).

Era estranho que na sexta-feira, o dia que a barragem se rompeu, nenhum alarme tinha sido disparado. Washington Luciano tinha ficado sabendo por outros sobreviventes que o alarme não tinha tocado, pois tinham desativado para explodir dinamites em outra mina acima da Mina do Feijão (GOULART, 2020, p. 63-64).

O trauma era reforçado, e mesmo quando não era disparada mecanicamente, a sirene tocava na mente de muitos sobreviventes, muitas vezes no meio da noite. Por isso também, “25 é todo dia” (AEDAS, 2023a).

A busca pelos corpos também fazia a dor ir se prolongando e, à medida que o tempo passava, a incerteza de poder enterrar seus mortos. “Eu preciso acreditar. Miguel me falou isso: meu pai não morreu. Quando morre a gente enterra. Miguel me falou isso. Se eu não acreditar que vou enterrar, eu vou acreditar em quê? Eu acho que ele está no IML, nem que seja um pedacinho dele”, conta uma mãe e esposa (GOULART, 2020, p. 34). As idas e vindas ao Instituto Médico Legal eram dolorosas, cansativas, faziam o luto voltar à estaca zero todos os dias.

Era estranho uma morte sem enterro. Uma viúva sem marido, sem um corpo para se despedir. Maria Isabel, sua filha, chegou um dia em casa chateada pelos comentários dos colegas na escola. Perguntaram qual parte do pai, se seria o pé, a mão, seria encontrada. Tão brutal como a realidade que as crianças estavam vivendo dentro de suas casas, Roberta sabia que elas eram um reflexo de tudo que estava acontecendo (GOULART, 2020, p. 39).

Mesmo com toda essa realidade, tanto Roberta quanto muitas outras mães e esposas, irmãs e amigas, não deixaram de ir se unindo e reunindo, promovendo encontros, protestos e busca por suas “joias”. Vale destacar o papel tão importante das mulheres nesse caminho, dessa *via crucis*. Semelhantemente às mulheres da comunidade de Jesus, que acompanhavam até o fim a tortura ao mestre e, apesar de toda perseguição e dificuldades por conta do sábado que se punha entre os acontecimentos, buscaram pelo cadáver para dar-lhe enterro digno (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 272), assim também fizeram muitas das mulheres de Brumadinho.

O caminho “do luto à luta” é longo e doloroso. As tentativas de suicídios aumentaram: no primeiro semestre de 2019 a Secretaria de Saúde de Brumadinho registrou 39 tentativas, sendo 28 delas entre mulheres (GOULART, 2020, p. 16). O uso de substâncias químicas também despontara como reflexo de todo sofrimento vivido: “A alta procura do consumo de álcool/drogas, no gênero masculino; e a excessiva demanda de medicamentos psicotrópicos

benzodiazepínicos, como Clonazepam e Diazepam, no gênero feminino” (FERREIRA, 2022, p. 4).

Mas as pessoas foram se acolhendo. Muitas iniciativas solidárias, mesmo de pessoas que não tiveram, diretamente, nenhuma perda. A paróquia da cidade teve função essencial: reunia as pessoas estrategicamente, enquanto estrutura, mas também espiritualmente, ajudando em toda dimensão do luto. Incentivou e acompanhou também no impulso para que se passasse à luta, à resistência, como sinal de ressurreição e esperança para todas as vítimas (GOULART, 2020, p. 78-92). Dom Vicente Ferreira, bispo que se dedicou e se identificou com a causa das vítimas, chamava a atenção para essa dimensão:

É um povo muito bom, muito santo mesmo. Não se pode questionar a santidade deste povo, mas muito passivo politicamente. Não adianta querer discutir causa política aqui que você vai ficar sozinho. E assim, esta questão de destruição do meio ambiente pelas mineradoras, esta questão do risco das barragens, isto é uma coisa silenciosamente conhecida pela região. Silenciosamente. Inclusive por aqueles que morreram (FERREIRA *apud* GOULART, 2020, p. 78).

Mas aos poucos o impacto da experiência e o ânimo das boas lideranças fizeram muitos se despertarem para a seriedade dos fatos e se unirem em mutirão. Foram muitas iniciativas, de diversas naturezas. Algumas mais imediatas aos fatos e outras que seguem até hoje, como a luta por conta da contaminação das águas nas comunidades. Nessa luta, embora seja uma insurreição dos atingidos por justiça, há sempre uma mistura de força e fragilidade, esperança e desespero diante do descaso:

Perdi meu irmão na tragédia, ele era agricultor, não trabalhava na Vale. Quando eu fui descobrir que estava com depressão já eram seis meses porque três meses nós ficamos procurando ele na lama e não achava [...] E eu era agricultora na época [...] uma lutadora da agricultura. Perdemos tudo da agricultura, porque ninguém compra, porque acha que está contaminado. Perdemos tudo. A área de Brumadinho perdeu tudo, perdeu a dignidade. Perdeu a vontade de viver. Porque Brumadinho só tem gente doente. O que mostra na televisão é uma coisa, o que a gente vive é outra. A cena de Brumadinho é horrível (APARÉ *apud* FREI GILVANDER LUTA PELA TERRA E POR DIREITOS 2022).

Essa realidade fez muitas pessoas irem embora da comunidade, diante da falta de perspectiva, desamparo no mais básico como a água (quando a possível oferta da água potável pela Vale vai se tornando com o tempo uma incerteza e uma dependência, e a água contaminada vinda na rede encanada continua sendo usada para outras atividades domésticas) e pelo estigma. Os que permanecem, já não têm a quem vender ou oferecer serviços, e os laços vão se rompendo ainda mais (REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO, 2021).

Apesar de todo estigma, toda dificuldade e sofrimento advindos não só do dia 25 de janeiro especificamente, mas também de todos os obstáculos que foram sendo postos pelos culpados no decorrer do tempo, a comunidade segue em luto e em luta. De modo especial, chama a atenção o protagonismo feminino, como capacidade de superar toda dor e transformar lágrimas em coragem. Os números evidenciam o protagonismo político das mulheres, trazido pela equipe de monitoramento de gênero: elas representam 68,91% das participações nos Grupos de Atingidas e Atingidos, 56% nas reuniões de Agentes Multiplicadores, 66,03% nas comissões e 74% nos intercâmbios; nas Rodas de Diálogos, representam 70,6% dos participantes (AEDAS, 2023b).

Estas referidas Rodas, “são espaços muito importantes, onde as mulheres se sentiram à vontade para trazer um pouco da realidade em que vivem e perceber que os danos causados pelo rompimento da barragem não são só individuais, mas também coletivos”, afirma Rayssa Neves, da equipe de mobilização. E complementa: “São problemas que acontecem nas suas casas, nas casas das suas vizinhas, amigas e familiares” (AEDAS, 2021).

É nessa perspectiva que tomamos a Romaria pela ecologia integral a Brumadinho, que neste ano teve sua quarta edição, como uma grande manifestação em que a dor e a vulnerabilidade das comunidades são partilhadas, as experiências de resistência de cada pessoa, grupo, família vão se entrelaçando, e a vida é celebrada como memória sempre atual. É uma celebração cheia de espiritualidade e de engajamento político, em que a exigência por justiça é central como caminho de restauração, inclusive ecológica (JORNAL D@S ATINGID@S, 2023). É nesse percurso, em que as vítimas são romeiros e romeiras, não só nos dias 25 de janeiro, mas na vida, que podemos aprender delas e ver melhor as injustiças da vida, sempre com esperança.

2 REFLETINDO SOB A LUZ DAS VÍTIMAS

O que se passou em Brumadinho no dia 25 de janeiro de 2019 não foi um fato isolado, mas profundamente relacionado com toda uma situação sistêmica. Sobre isso, os não raros relatos de pessoas que moram na região, de que a possibilidade de um acidente de certo modo já era considerada pela própria empresa (GOULART, 2020, p. 12, 154 e 174), confirmam essa realidade.

O evento precisa ser considerado dentro de uma lógica global de capitalismo neoliberal, em que “os estados-nação degeneram para uma condição pré-política governada por um necropoder perverso que torna descartáveis certas vidas, que têm maior valor econômico mortas que vivas” (PINEDA-MADRID, *apud* MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.10). É nessa perspectiva que, ao considerar a proposta do pensamento crítico e decolonial, com sua trilogia “capitalismo, patriarcado e colonialismo”, Carlos Mendoza-Álvarez propõe um quarto elemento para explicar a hegemonia de poder global: a “religião como sistema sacrificial que justifica a dominação neocolonial sob novas narrativas simbólicas de subordinação, abnegação e morte” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 45-46).

Não tendo aqui espaço suficiente para aprofundar toda dimensão das religiões², apenas afirmamos com Mendoza-Álvarez que “a narrativa bíblica - tanto hebraica quanto cristã - permite dismantlar a mentira antropológica da necessidade de vítimas para que haja estabilidade” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 31). Uma mentira contada pelos poderes que comprometem cada vez mais a estabilidade de todo o mundo e que justificam o crescente sacrifício de vítimas como algo necessário na manutenção de uma ordem mundial enganosa (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 31-32).

É paradigmática a fala de uma vítima quando afirmava:

Eles são reincidentes, eles matam, eles transformam vidas em cifrões e quando os cifrões dessas vidas representam um valor menor dos que os cifrões para trabalhar corretamente, com segurança, sem pôr vidas em risco, eles apenas matam e matam, não pensam duas vezes (GOULART, 2020, p. 154).

É num contexto global que se insere Brumadinho, numa lógica sistêmica e calculista. E a forma como as vítimas desse modelo são afetadas e como resistem também não se dá de modo isolado. Os motivos e os modos como são levadas a se submeterem a tais condições, o horror do sacrifício injusto de inocentes e a força cheia de esperança que brota de seus sobreviventes os mantém interligados. Não é mera coincidência que os familiares centro-americanos, em especial as mães de vítimas desaparecidas, ao buscarem pelos restos mortais de seus entes, o façam como se buscassem por tesouros (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.68); semelhantemente à busca pelas “joias” soterradas em Brumadinho.

Esse caminho realizado pelos sobreviventes, desde o momento traumatizante a um virtual estado restaurativo, pode ser relido por diversas perspectivas, com muitos pontos comuns e também outros específicos de cada comunidade vitimada. E naquilo que é comunicável entre as distintas experiências vividas na América, elegemos uma proposta feita por um comitê com mais de setenta lideranças, sociais e religiosas, em todo continente. Esse grupo, ao promover o acompanhamento de vítimas sistêmicas, o faz a partir da “própria vulnerabilidade assumida como lugar epistêmico e espiritual de encontro com os outros”. E, nessa dinâmica, ofereceram três eixos temáticos que nos parecem apropriados para ler a experiência da comunidade de Brumadinho de modo a integrar enquanto reflexão os momentos narrados na primeira parte de artigo: “(i) vulnerabilidade compartilhada, (ii) resistências entretecidas e (iii) celebração da vida” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.78).

Sobre o primeiro o momento, o teólogo mexicano faz uma releitura da opção pelos pobres e excluídos “a partir da própria vulnerabilidade, assumida como lugar teologal para encontrar-se com as vulnerabilidades dos outros” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.79). De tal modo, reafirma primeiramente o lugar privilegiado dos pobres e das vítimas na história da salvação, como primeiros destinatários da mensagem do evangelho (SOBRINO, 2000, p. 18).

2 O tema pode ser aprofundado em: TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 32-46.

Inclusive, vale dizer, mais que a questão da morte em si, com a qual a humanidade sempre lidou, o tema da ressurreição aparece na tradição judaico-cristã como uma resposta de Deus aprovando a vida das vítimas aniquiladas injustamente, fazendo-lhes justiça. A ressurreição, então, é uma resposta de Deus à causa das vítimas, seus preferidos (SOBRINO, 2000, p. 34).

Essa opção primeira pelas vítimas, não só neste artigo, mas também nas referências utilizadas nele, implica metodologicamente em deixar que a história dos fatos seja contada primeiramente por elas. Até mesmo porque numa perspectiva de dominação e anulação de comunidades, dentro da lógica sacrificial apontada anteriormente, quando se promovem vítimas para uma suposta estabilidade social, a leitura é feita sempre na perspectiva dos “vencedores” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.31). Assim, Mendoza-Álvarez afirma:

iniciaremos escutando com atenção e pensamento com olhar reflexivo num vaivém permanente, a voz das vítimas em sua indignação, resiliência e a voz do pensamento crítico que daí emerge, para pensar no sistema hegemônico em sua lógica de morte. E na base de tudo isso, buscaremos compreender o sentido da redenção que procede da “esperança contra toda esperança” de que vivem hoje as pessoas e comunidades de sobreviventes. De maneira particular, indagamos o alicerce vital que as mantêm de pé, em meio à dor de suas filhas e filhos desaparecidos ou assassinados (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 27).

Mas essa escuta das vítimas acontece fundamentalmente entre elas mesmas, quando se encontram e partilham a vulnerabilidade de cada uma. Aqui, no caso concreto de Brumadinho, destacamos como um exemplo as rodas de conversa ou “Rodas de Diálogo”. Nesses espaços, podem ser tratados temas pertinentes à realidade das vítimas e, especialmente, favorecer um momento de partilha e escuta “abordando assuntos sobre a qualidade de vida e apresentando exemplos de superação, tendo em vista os seis meses da tragédia da Vale que tanto abalou a localidade”. Esses momentos de partilha se fizeram muito importantes, como se pode perceber na própria fala de um enfermeiro que participou nos encontros, dados os períodos críticos vivenciados: “Aqui na comunidade temos pessoas que ficaram muito abatidas e desmotivadas com a perda de parentes e amigos, e quando a data se aniversaria, como o fato, agora, dos seis meses, a situação se agravava” (PREFEITURA DE BRUMADINHO, 2019).

Esses espaços ajudam na tematização e elaboração do sofrimento provocado por uma ausência dolorosa. As incertezas e mesmo a procura pelos corpos ainda desaparecidos e que vão sendo encontrados aos poucos fazem a ferida não se fechar, mas serem reabertas a cada notícia. Nessa perspectiva, como uma referência singular, Mendoza-Álvarez apresenta o que se passou na comunidade cristã primitiva e que ajuda a compreender também o que vivem as comunidades vitimadas de hoje.

A comunidade cristã do sec. I viveu o trauma de uma morte injusta e trágica de seu líder e amigo Jesus. Essa experiência desorientou a comunidade de diversos modos, e

especialmente as mulheres viveram seu luto diante da incerteza em poder realizar os cuidados e cerimônias ligados ao cadáver da vítima assassinada, por conta do sábado. “Foi necessário viver de modo comunitário - em meio a tensões e conflitos de interpretação - um processo de assimilação da ausência-presença de Jesus assassinado para compreender o que tinha acontecido” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 270). Em comunidade, como numa roda de conversa, foi preciso que os discípulos fossem vivendo a experiência de memória a partir da releitura dos textos bíblicos e também da própria história da comunidade.

De tal modo, nesse primeiro momento, consideramos os passos iniciais de uma saída da partilhada da dor, estabelecendo diálogos compassivos. Para concluir, o testemunho da iniciativa de acompanhamento das vítimas trazida por Carlos Mendoza-Álvarez se mostra pertinente:

O acompanhamento espiritual e teológico mútuo, por isso, iniciou seu processo recuperando narrativas de vulnerabilidade que cada pessoa e grupo podem e desejam compartilhar com os outros. Desse modo é possível estabelecer - como ponto de partida no caminho ao lado dos pobres e excluídos - uma conexão vital de caminho compartilhado na procura da dignidade, justiça, verdade e esperança” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.80).

Tendo, pois, assumido a própria vulnerabilidade e reconhecido a vulnerabilidade de outras pessoas da comunidade que também são sobreviventes de uma grande injustiça, é possível passar a um segundo momento. Trata-se de um momento de “diálogo, solidariedade e ação mútua entre subjetivações em processo de diferentes resistências, com maior profundidade antropológica, social e espiritual” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 81). Aqui, vemos várias resistências entrelaçadas de pessoas e comunidades em busca de justiça.

Dom Vicente Ferreira, bispo que acompanhou com muita proximidade a marcha das comunidades de Brumadinho, em uma reflexão publicada na revista IHU, fala da possibilidade de não se deixar abater pelo abandono e viver fragmentado no isolamento. Em contrapartida, chama a atenção para a tomada de consciência do desamparo que, segundo ele,

enquanto angústia de mudança, cria desejos de vínculos de afetos entre familiares, vizinhos e organizações religiosas e sociais da cidade. O reconhecimento do desamparo pode produzir, entre os desamparados, desejos de mudanças. (...) Daí emergem as várias lutas pela justiça, por exemplo (FERREIRA, 2022, p. 6).

Nessa fase, então, temos os grupos sociais, movimentos, iniciativas que resistem como uma “sinfonia de indignação, rebeldia ou “digna raiva”, resiliência, compaixão e esperança” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 80). Mendoza-Álvarez recorda muitos grupos de resistência na América Central, como coletivos de mães que buscam pelos corpos desaparecidos

de seus filhos e juntas exigem verdade e justiça como caminho de superação do luto, mas podemos citar a experiência bem concreta e próxima de nós: a das famílias de Brumadinho.

Embora seja o mesmo evento que tenha vulnerado as diversas comunidades de Brumadinho, cada grupo e pessoa foram impactados de modo diferenciado, com suas peculiaridades. Por isso a importância de se ouvirem e se reconhecerem. Pois, resistem juntas. Um evento ocorrido no final de 2022, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, é um interessante e concreto exemplo dessa resistência entretecida. Tratava-se de uma audiência pública em que se discutia a contaminação da água na região ocasionada pelo crime da Vale de 25 de janeiro de 2019 (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, 2022).

Na audiência, encontravam-se várias comunidades que faziam frente ao poder hegemônico que, além de ter gerado o problema, continua a dificultar as soluções desejadas e necessárias. As comunidades podiam contar com a mesma contaminação gerava problemas semelhantes, mas também distintos em cada lugar. Assim, a luta vai se fazendo de modo entretecido e em companhia, assim como se vai dando a superação do luto, de modo que diante da ruptura causada pelo trauma se possa tecer novamente os vínculos de reconhecimento e luta.

Nessa perspectiva, Mendoza-Álvarez destaca que dessa vivência de resistência subjaz algo que se pode dizer como “utopia”, como “concreção na história da esperança teologal que as sabedorias religiosas da humanidade celebram como dom divino” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 82). E segundo ele, essa realidade leva ao terceiro momento do acompanhamento espiritual e teológico mútuo: a celebração da vida. Esse ponto será mais bem trabalhado na última parte deste artigo, numa perspectiva não só de superação do que se passou, mas também como perspectiva de um futuro restaurativo.

No entanto, no caso concreto de Brumadinho, que é o nosso foco principal, já vale destacar o ambiente eclesial que, sendo uma referência da celebração da vida, fez-se presente em todo o processo vivido pelas comunidades, desde os piores momentos do luto aos de superação, luta e celebração. A Paróquia São Sebastião, seja enquanto comunidade de pessoas seja enquanto templo e estrutura física, fez-se lugar de acolhida permanente para aquela comunidade vulnerada, que na verdade, toda ela acolhia e era acolhida, transformando dor em esperança (GOULART, 2020, p. 78-92). Essa experiência nos introduz na parte final deste texto.

3 UMA ROMARIA RESTAURATIVA

Partir das vítimas não é apenas uma escolha metodológica. É um aprendizado e descoberto por meio do percurso traçado por comunidades que, apesar de tanta dor e morte, avançam, vencendo inclusive qualquer iniciativa de vingança (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 331). A partir do que se passou na fossa em que a comunidade cristã primitiva viveu o pior da mutilação humana, analogamente experimentam muitas comunidades vitimadas quando são capazes de viverem e transformarem essas realidades em poços de vida

(MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 329). De algum modo, ainda hoje, algo análogo se passa quando a lama mortuária vai se convertendo em abertura esperançosa.

O que sucedeu na comunidade jesuânica é paradigmático porque ao mesmo tempo que permite rever o que se passa com muitas comunidades mutiladas ainda hoje, em um sistema que se alimenta de vítimas inocentes, também permite perceber que a experiência de ultimidade que se deu diante do crucificado-ressuscitado pode ser vivida no presente como lampejo de uma promessa (SOBRINO, 2000, p. 108-113).

Essa promessa de vida passa, como recorda Jon Sobrino, já mencionado neste texto, pelo corpo da vítima Jesus, sacrificado injustamente. A ressurreição, como uma resposta de Deus ao sofrimento das vítimas inocentes é uma promessa que já se realizou concretamente no corpo do crucificado Jesus e que, enquanto antecipação ainda que muito pequena, quando comparada com o esperado definitivamente, se dá na vida das comunidades vitimadas quando resistem e fazem memória de seus mortos. Viver como ressuscitados tem a ver com práxis e com celebração (SOBRINO, 2000, p. 119).

A causa da vítima vamos aprofundar na parte final como uma perspectiva de algo que permanece aberto e do qual depende a restauração im-possível. Mas é dimensão da experiência de passagem do luto degenerante à luta esperançosa a possibilidade de se contar o que se passou com as vítimas, fazer memória, não deixar que caiam no esquecimento. “Uma práxis de ressurreição como insurreição [...] se realizará por meio do exercício de memória, de narração e de celebração que resgatem do esquecimento pessoas vitimadas, narrando suas histórias como antecipações de dignidade e de vida”. (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 21).

Na comunidade dos cristãos, os relatos do túmulo vazio, por exemplo, e das aparições se deram num contexto de luto vivido pela comunidade primitiva que tentava dar sentido à ausência de Jesus e ao nascimento da Igreja enquanto sobrevivente do justo aniquilado (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 270). “Então começa a história da interpretação do horror da morte de um inocente, da parte de uma comunidade em luto que teve de aprender a ‘reler as escrituras e partir o pão’” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 275), e só assim pôde cair na conta do que tinha acontecido com Jesus e também o que estava se passando com eles enquanto comunidade. Iam fazendo memória, relendo os textos e a vida.

O judaísmo moderno é um exemplo mais próximo de nós cronologicamente de uma comunidade que precisou reler sua história e contar os fatos acontecidos. Tentando ressarcir o mal padecido pelo povo judaico, o judaísmo “ajudou-o assim a integrar seu trauma coletivo através da memória, dos relatos e da exigência de justiça restaurativa” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 140).

E então, quando abrimos a página na internet chamada “Legado de Brumadinho”, um espaço de verdadeiro caminho de restauração, com seus vários elementos, nos deparamos com uma postagem com a seguinte fala da escritora Carla Madeira: “Então, contar histórias é a chance que a gente tem de reescrever essas histórias, de elaborar a dor que tá no corpo,

de buscar na história que eu leio do outro empatia e com isso organizar um pouco a minha própria tragédia”. E a página completa, por escrito: “para que nunca mais aconteça”, “em memória às vítimas do rompimento da barragem” (LEGADO DE BRUMADINHO, 2022). De tal modo, a comunidade vitimada de Brumadinho vai tentando, semelhantemente, elaborar sua dor e seu luto.

Essa elaboração encontra espaço em momentos comunitários como a de rodas de conversas, como no caso evidenciado acima, mas fundamentalmente no ambiente religioso de celebração onde todos esses elementos parecem se apresentar harmoniosamente. Não é em vão evidenciar, da experiência dos primeiros cristãos, que a experiência de memória e de partir o pão, que os resgatou da dispersão e fragmentação, se dava em espaço e momento celebrativo (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 270).

No caso de tragédias, especialmente aquelas com vítimas fatais, o elemento celebrativo acompanha todo o processo, desde os primeiros momentos do luto até as experiências de memória no decorrer da vida dos sobreviventes. Assim, na perspectiva do “celebrar a vida”, que iniciamos na parte anterior, os gestos funerários, com seus ritos e símbolos religiosos, tem um sentido inicial de luto para os sobreviventes, diante de uma im-possível superação do trauma e desejável cura coletiva. “Trata-se de um momento simbólico - de grande força regeneradora da memória, da história e da possível reconciliação” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 82).

Mas esse processo que, como vimos, guarda proximidade com a experiência fundante da comunidade cristã primitiva e tem algo de messiânico no sentido que já traz lampejos daquilo que se espera nos tempos finais, não aceita um pulo imediato ao perdão ou reconciliação. Antes, é preciso enfrentar a verdade e a justiça. Por isso, a celebração dos mortos tem algo de político, negando que a injustiça sobre as vítimas tenha a última palavra na história (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 83).

Assim, os ritos funerários realizados pelas famílias não são apenas formas de se elaborar o luto pura e simplesmente numa dimensão psicológica, por exemplo. Pela sua analogia ao vivenciado pela comunidade cristã primitiva, que testemunha a justiça feita à vítima Jesus e que vai se propagando na história por meio da resistência de outras comunidades vulneradas, é que tais comunidades assumem “com responsabilidade histórica e política a justiça para os seus mortos, com a exigência de verdade e retribuição para a reparação parcial do dano, simbolizando tal resiliência por meio de narrativas performativas de celebração da vida” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 208).

Se tomamos o “Jornal d@s atingid@s” que trouxe várias reportagens sobre a memória do 4º ano do crime trágico de Brumadinho e fazemos uma análise, percebemos como ele reflete vários elementos da celebração daquela comunidade: esperança, saudade, luto, luta, resistência, denúncia... (JORNAL D@S ATINGIDO@S, 2023). Fica claro, pelo conteúdo das denúncias ainda hoje, há mais de quatro anos do evento, que uma possível reconciliação está

distante. Isso porque o caminho até o perdão precisa passar pela verdade, pela justiça, pela reparação.

E a dinâmica de comunidades vulneradas que vivem seu processo de superação numa perspectiva messiânica, no sentido cristão, ou seja, da esperança final daquilo que já se antecipou na justiça feita por Deus à vítima Jesus, não objetiva vingança. As vítimas que aprenderam a transformar a injustiça em luta vivem a dinâmica da doação total, do amor radicalizado, da gratuidade. Elas vão descobrindo, na busca pelos cadáveres, as joias soterradas, que a fossa da morte pode se converter em fonte que jorra água para vida. Estão “abertas à memória dos mortos, com dignidade, justiça e verdade, dispostas a uma possível reconciliação” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 328).

Destacamos que a vítima imolada inocentemente, Jesus, não promovia uma justiça retributiva, não era movido pela lógica jurídica do “olho por olho”. Podemos ver nele uma busca pela verdade bilateral, na qual “ganhar” é recuperar o que ou aquele que estava perdido. A parábola do “filho pródigo” ou “Pai misericordioso” é um bom exemplo de um litígio bilateral (Ríb). Na linha proposta por José Agustín Monroy Palacio, há certa proximidade entre o modelo bíblico e, segundo ele, também de Jesus, do Ríb e o da justiça restaurativa.

O termo ríb aponta na direção da reconciliação e da harmonia comunitária. A mesma direção da justiça restaurativa que, segundo os expertos “se refere a uma visão da justiça que em lugar do enfoque no castigo, se centra em reparar o dano causado às pessoas e às relações que foram afetadas como consequência do delito”³ (PALACIO, p. 70-71, tradução nossa).

Nesse sentido, o desejo de se promover “justiça para as vítimas e seus sobreviventes, a fim de ressarcir na medida do possível o dano, levar ao tribunal os perpetradores e conhecer a verdade” permite “a reconciliação” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 21).

Mas em violências sistêmicas, o mal se esconde muitas vezes por trás de uma marca, um CNPJ, uma Sociedade Anônima. E a dinâmica de “Adão e Eva”, de um jogar a culpa para o outro, na complexa rede do poder hegemônico global, resulta anônima e impune, que não é a proposta da justiça restaurativa. Aqui vale resgatar, da luta de mães de filhos desaparecidos por conta da criminalidade no México, a fala de uma senhora que Carlos Mendoza-Álvarez destacou em seu livro: “Preciso conhecer a verdade para saber a quem perdoar” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 291). Por isso, o perdão se faz uma impossibilidade, já que mesmo a “redenção para todos os justos da história” está disponível, numa perspectiva do gesto messiânico, “também para os algozes que estejam prontos para o perdão” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 334).

3 El término ríb apunta en la dirección de la reconciliación y la armonía comunitaria. La misma dirección de la justicia restaurativa, que según los expertos “se refiere a una visión de justicia que en lugar de enfocarse en el castigo, se centra en reparar el daño causado a las personas y las relaciones que han resultado afectadas como consecuencia del delito”.

Talvez, nesse sentido de uma possibilidade de o algoz poder viver o perdão, além da verdade e justiça, na perspectiva da reparação do dano, pudesse se aplicar o que Jon Sobrino coloca como fundamental na comunidade cristã. O teólogo destaca que do encontro com o ressuscitado nasce sempre uma missão, uma práxis. A comunidade que permanece, então, ao testemunhar a vida da vítima Jesus que foi ressuscitada precisa viver de um modo muito comprometido, dando sequência então à sua causa (SOBRINO, 2000, p. 76-77). Os discípulos foram capazes de vivenciar a passagem do luto fazendo memória e relendo a história, e isso se deu revivendo gestos e palavras de Jesus. Essa experiência é celebração da vida, e por isso não pode ser separada de uma práxis que dá testemunho do ressuscitado (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 271).

Parece-nos, considerando o que vivem tantas comunidades enlutadas vítimas de um poder sacrificador, que além da verdade e da justiça como caminho de restauração, não haveria outro caminho para os algozes que uma profunda experiência de transformação, que desembocasse em assumirem, eles também, a causa de suas vítimas como caminho de perdão. Talvez esse sonho seja realizado só nos últimos tempos, sendo as comunidades de vítimas como aquelas que já vivem no presente, enquanto messiânicas que são:

As práticas e os relatos dos movimentos sociais de vítimas são princípios de sabedoria humana e teológica. Graças a essas múltiplas resistências perante a lógica hegemônica, poderemos então captar, com maior clareza e força, o sussurro dos inocentes e das pessoas justas da história: aquele que não chama vingança, senão justiça com verdade, abrindo depois caminho para o perdão (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 20).

Na prática, e no caso concreto de Brumadinho, ainda longe de um tempo de profunda restauração, as vítimas ainda resistem exigindo o mínimo que lhes são de direito, e que os perpetradores, longe de assumirem a causa de suas vítimas, continuam a infringi-las. Um exemplo singular é a questão da água. Além de terem ceifadas vidas de familiares e amigos, ter tido suas plantações e animais mortos pelo rejeito, a contaminação da água torna dia 25 de janeiro de 2019 um dia sempre presente.

Por meio de uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de Minas Gerais e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pode-se verificar que

entre os adultos, 33,7% apresentaram níveis aumentados de arsênio total na urina e 37% de manganês no sangue. Entre os adolescentes, foram detectados níveis de metais acima dos limites de referência: 28,9% tinham arsênio total na urina acima do limite, 52,3% apresentaram mais manganês no sangue e 12,2% de chumbo no sangue acima do limite de referência (FERREIRA, 2022, p. 4).

Nem mesmo as crianças foram poupadas dessa triste realidade, quando considerado aquelas de 0 a 6anos:

em todas as 172 amostras consideradas válidas para análise foram detectadas a presença de pelo menos um dos cinco metais em avaliação (cádmio, arsênio, mercúrio, chumbo e manganês). Metade das crianças (50,6%) tinha pelo menos um metal em níveis acima do valor de referência (FERREIRA, 2022, p. 4).

Esses números técnicos nos levam a entender as manifestações de indignação e revolta durante aquela audiência pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, para tratar o tema da contaminação da água com metais pesados. E nessa luta, há dificuldade, muitas vezes, até para receber o caminhão pipa que, ao levar água potável para algumas comunidades, não faz favor algum (FREI GILVANDER LUTA PELA TERRA E POR DIREITOS, 2022).

Toda essa realidade chama atenção para algo muito importante e com o qual desejamos concluir esse artigo. Existe uma realidade, muito concreta e viva, que participa da realidade das vítimas e que precisa ser considerada tanto na luta quanto em qualquer possível negociação e mesmo reconciliação: a realidade ecológica. O crime da Vale foi uma ofensa de dimensões socioambientais no sentido mais próprio da palavra. A questão ecológica, em sua percepção mais integral possível, abarca o acontecido antes, durante e até hoje. Vai desde o fato de as comunidades empobrecidas terem que se sujeitar à mineração por falta de opção econômica, passa pelo tipo de destruição que a comunidade enfrentou no fatídico dia 25 e deixa seus rastros de morte até agora. A natureza, com todos os seus entes, padece solidariamente.

E além de todo impacto socioambiental e econômico que a situação gerou, fica ainda, nessa mesma dimensão, o estigma. De um povo acolhedor e que sempre ofereceu aquilo que era e produzia, agora vive muitas vezes sob o símbolo da contaminação. Um peixe ou uma verdura oferecida por um morador local são rejeitados como se tudo estivesse contaminado. Simbolicamente essa realidade também mata.

Não é por acaso que no dia 25 de janeiro de 2023, numa dinâmica celebrativa que envolvia justiça, esperança e verdade, a comunidade de Brumadinho saiu novamente em marcha. E essa manifestação de indignação e esperança, onde o luto vai se tornando uma luta de todo dia e de todos, aconteceu na IV Romaria pela Ecologia Integral a Brumadinho (JORNAL D@S ATINGID@S, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse caminho que pudemos fazer, à escuta das vítimas e acompanhando o percurso que realizam enquanto comunidade, uma sabedoria que nasce do chão é evidenciada. Nem mesmo o rejeito e a injustiça são capazes de sacrificar a esperança dos sobreviventes enquanto fazem memória, contam suas histórias e exigem justiça. Compreender a realidade, principalmente em momentos dolorosos e cheios de contradição, não é tarefa fácil. Mas

compartilhando e ouvindo o que diz cada pessoa vitimada, algo nasce no meio da comunidade dando impulso para se promover transformação.

Este artigo, ao trazer relatos e reflexões sobre o caminho percorrido pelas comunidades vitimadas a cada dia, espera colaborar na promoção de empatia, comprometimento e coragem para que a lógica sacrificial não seja a palavra final no seio da sociedade. Iluminados pela sabedoria das vítimas, podemos resistir e transformar realidades de morte em uma causa de vida.

REFERÊNCIAS

AEDAS. 2 anos do desastre | Rompimento agrava desigualdades entre homens e mulheres na região. 05 NOV. 2021. Disponível em: <https://aedasmg.org/2-anos-do-desastre-rompimento-agrava-desigualdades-entre-homens-e-mulheres-na-regiao/>. Acesso em: 04 set. 2023.

AEDAS. Vozes do Paraopeba – 14ª edição: 25 de janeiro é todo dia. 23 jan. 2023a. Disponível em: <https://aedasmg.org/14-edicao-vozes-do-paraopeba/>. Acesso em 25 ago. 2023.

AEDAS. Capítulo 3: Dossiê Temático aborda o protagonismo político e social das mulheres atingidas no processo de Reparação Integral na Região 2. 04 ago. 2023b. Disponível em: <https://aedasmg.org/dossies-perfil-das-mulheres-atingidas-cap3-r2/>. Acesso em 25 ago. 2023.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. Contaminação de moradores de Brumadinho é exposta em audiência. 07 dez. 2022. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Contaminacao-de-moradores-de-Brumadinho-e-exposta-em-audiencia/>. Acesso em: 12 set. 2023.

FERREIRA, Dom Vicente. Brumadinho, passar “do luto de cada um à luta comum”. IHU, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620670-dom-vicente-ferreira-brumadinho-passar-do-luto-de-cada-um-a-luta-comum>. Acesso em 26/08/2023.

FREI GILVANDER LUTA PELA TERRA E POR DIREITOS. Crime Vale: contaminação por metais pesados de moradores de Brumadinho/MG. Audiência Pública na ALMG. 09 dez. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LhgXl0B6GWI>. Acesso em: 12 set. 2023.

GOULART, Julia Castello. Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

JORNAL D@S ATINGID@S. 4 anos de impunidade de um crime continuado. 31 jan. 2023. Disponível em: <https://renser.com.br/jornal-ds-atingids/>. Acesso em: 12 set. 2023.

LEGADO DE BRUMADINHO. Carla Madeira: Memória não morrerá, artes e narrativas: o legado de brumadinho. 03 ago. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgzGkmOsPng/>. Acesso em: 12 set. 2023.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica*: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis: Vozes, 2020.

PALACIO, José Agustín Monroy. Mišpat y Rib en la profecía bíblica. Vol. 2 Núm. 3 (2020): Argumenta Biblica Theologica. Disponível em: https://revistas.uniclaretiana.edu.co/index.php/Revista_Argumenta/article/view/66. Acesso em: 12 set. 2023.

PREFEITURA DE BRUMADINHO. PSF realiza roda de conversa com os moradores do Tejuco. 29 set. 2019. Disponível em: https://brumadinho.mg.gov.br/noticias_detalhes/psf-promove-roda-de-conversa-com-os-moradores-do-tejuco/29869/. Acesso em: 12 set. 2023.

REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO. Dois anos depois do crime da Vale, Córrego do Feijão tem aspecto de bairro fantasma. 05 fev. 2021 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mc_t9XR2Jwc. Acesso em: 12 set. 2023.

SOBRINO, J. A Fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. Tradução de Ephrain F. Alves. 1º cap.